

**BASE TEÓRICA DE CRÍTICA TEXTUAL
PARA INICIANTE E VETERANOS**

José Pereira da Silva (UERJ)

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. *Base Teórica de Crítica Textual*. Rio de Janeiro: H. P. Comunicação, 2004.

Temos a enorme satisfação de anunciar aos interessados no ensino e na prática da crítica textual, a edição do livrinho do Prof. Leodegário, que continua na divulgação das atividades filológicas de edição crítica, com um extrato das bases teóricas de crítica textual que se encontram no seu *Iniciação em Crítica Textual*, que serviu de suporte didático a milhares de estudantes de Letras no final do século XX.

Base Teórica de Crítica Textual é uma síntese da história e da técnica desta especialidade, preparada por quem não precisa procurar em manuais e tratados de terceiros o que dizer sobre a sua prática acadêmica de várias décadas de incansável atividade filológica, aplicada principalmente à edição de textos da lírica de Camões.

Exatamente por não faltar exemplos publicados da prática da edição crítica de acordo com esta técnica, foram excluídos os cinco exemplos de sonetos que saíram na sua primeira edição, reduzindo, assim, seu volume e seu custo.

Na “Introdução Geral”, o autor apresenta a bibliografia lingüística e filológica mínima de vinte títulos, indispensável ao estudante interessado em se preparar para atuar como editor crítico, remetendo-o à bibliografia do volume para complementar a parte específica relativa à crítica textual, além de dar uma síntese da produção da especialidade feita no Brasil até o início da década de 80.

No capítulo 3 – “Conceito de Crítica Textual”, faz a distinção entre Crítica Textual e Ecdótica, relacionando as etapas do trabalho do editor em oito itens: a) *recensio*, b) *collatio*, c) *eliminatio codicum descriptorum*, d) classificação estemática da tradição manuscrita (se houver) e da tradição impressa (textos não eliminados, após a *examinatio*), e) *emendatio*, f) *constitutio textus*, após a *selectio*, g)

apresentação do texto reconstituído e h) aparato de variantes.

A seguir, ainda neste capítulo, define a crítica textual, do ponto de vista do método lachmanniano e do ponto de vista bédieriano, esclarecendo a distinção entre uma *emendatio ope codicum* e uma *emendatio ope conjecturae* ou *divinatio* e relacionando os principais preceitos da crítica textual clássica herdados pela crítica textual moderna para se fazer correção em um texto, que são: a) *lectio antiquior potior*, b) *lectio melioris codicis potior*, c) *lectio plurium codicum potior*, d) *lectio difficilior potior*, e) *lectio brevior potior*, e f) *lectio quae alterius originem explicat potior*. Além disso, lembra e explica as cinco etapas seguidas pelos clássicos nesta etapa de sua atividade editorial: a) *interpungere*, b) *mutare*, c) *transponere*, d) *delere* e e) *supplere*.

No capítulo 4 – “Ciências Auxiliares e um Pouco de História”, define a Epigrafia, a Paleografia, a Codicologia e a Diplomática e faz uma síntese magistral da história da filologia como crítica textual desde os críticos alexandrinos (Aristófanos de Bizâncio e Aristarco de Samotrácia) até os dias atuais, demonstrando com exemplos de sua própria obra, com as seguintes palavras conclusivas: “E assim, realmente, ocorre. E de tal forma que será possível falar em boas ou más edições críticas, mas não em edições críticas perfeitas”.

No capítulo 5 – “Edição Crítica e Outras Edições”, o autor distingue criteriosamente os principais tipos de edição, fazendo uma leve referência à crítica estilística e à crítica genética e esclarecendo detalhadamente as distinções entre edição diplomática, edição semi-diplomática ou diplomático-interpretativa e edição crítica, aprofundando mais, naturalmente, esta última, que busca a “perfeição, ainda que inatingível”.

No capítulo 6 – “Etapas de uma Edição Crítica”, os itens meramente relacionados no capítulo 3 são detalhadamente explicados, abrindo-se um espaço maior para a descrição de diversas hipóteses estemáticas, para melhor esclarecimento ao iniciante em crítica textual. O capítulo é dividido em seis subcapítulos: *recensio*, *collatio*, *eliminatio codicum descriptorum*, *stemma codicum*, *emendatio* e apresentação do texto crítico, sendo que neste já não se cuida da crítica textual propriamente, mas da apresentação editorial do resultado do trabalho filológico desenvolvido nas cinco etapas anteriores.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Como em todo o trabalho, também aqui o Autor utiliza a exemplificação extraída de suas edições críticas, dando como modelo as normas utilizadas na edição de *As cantigas de Pero Meogo*, jorral galego-português do século XIII, mas alertando para o fato de que, em edição crítica e em crítica textual, nenhuma regra é aplicada indiscriminadamente, visto que cada obra é um caso particular e deve ser assim tratada pelo filólogo editor.

Na bibliografia final, uma atualização seria bem-vinda, mas não foi possível nesta edição, ficando presa às informações já constantes em sua edição anterior.

Em relação aos trabalhos práticos, a bibliografia luso-brasileira oferece numerosas e exemplares contribuições mais recentes, mas, relativamente à bibliografia teórica, a produção brasileira ficou estagnada depois dos trabalhos de Antônio Houaiss, Segismundo Spina e Emanuel Araújo.

Agora, com a nova safra de trabalhos acadêmicos mais direcionados para as atividades filológicas e textuais, seguramente teremos maior motivação para nos debruçar sobre trabalhos mais profundos e detalhados, tomando como orientação essas despreziosas “bases metodológicas de crítica textual” que nos vem chegando em excelente momento da história do nosso desenvolvimento cultural, através da editora Ágora da Ilha.